

PADRONIZAÇÃO DA VERSÃO EM PORTUGUÊS DA ESCALA DE AUTOCONCEITO DE JANIS E FIELD REVISADA POR EAGLY

Aroldo Rodrigues e Equipe do CBPP/ISOP/FGV⁽¹⁾

Universidade Gama Filho

e

Fundação Getúlio Vargas

RESUMO - Dados psicométricos relativos à escala de autoconceito de Janis e Field (1959), em sua versão ampliada por Eagly (1967) e traduzida para o português por Crano, Crano e Biaggio (1983) foram obtidos com uma amostra de 658 estudantes universitários da cidade do Rio de Janeiro. As análises estatísticas levadas a efeito confirmaram a adequação da escala para o uso no Brasil, tal como anteriormente demonstrado por Crano, Crano e Biaggio (1983). O artigo apresenta normas brasileiras para a conversão dos escores brutos em escores T de McCall.

STANDARDIZATION OF THE PORTUGUESE LANGUAGE VERSION OF THE EAGLY REVISION OF THE JANIS AND FIELD SELF-CONCEPT SCALE

ABSTRACT - Psychometric data related to the self-concept scale of Janis and Field (1959) in its revised version presented by Eagly (1967) and translated into Portuguese by Crano, Crano, and Biaggio (1983) were obtained with a sample of 658 university students in the city of Rio de Janeiro. The statistical analyses carried out confirmed the suitability of the scale for use in Brazil, as previously demonstrated by Crano, Crano, and Biaggio (1983). The paper presents Brazilian norms for the conversion of raw scores into standardized T scores.

Recentemente, Crano, Crano e Biaggio (1983), publicaram uma tradução da escala de autoconceito de Janis e Field (1959), em sua versão aumentada por Eagly (1967). Nesta ocasião, Crano, Crano e Biaggio apresentaram dados psicométricos obtidos para a tradução em português que empreenderam da referida escala, utilizando uma amostra de 286 estudantes que variavam de 13 a 19 anos, todos estudantes residentes no Estado do Rio Grande do Sul, para análise de itens, verificação da fidedignidade da escala e análise da forma de distribuição dos escores; utilizaram ainda uma outra, composta por 195 estudantes, de 12 a 17

(1) Chefe do CBPP: Monique Augras. Responsável pelo Programa de Psicologia Social: Aroldo Rodrigues. Equipe: Angela Maria Venturini Moreira, Emília Maria V.F. Rebello de Mendonça, Eveline Maria Leal Assmar, Jarbas de Moraes Bastos e Yara Silveira Faria (Técnicos). Bernardo Jablonski, Efigênia M.L. da Silva e Fátima Holanda (Estudantes de Pós-Graduação). Andréa F. Varella, Deyse Rebello e Sandra S. de Oliveira (Estagiárias).

anos, residentes na cidade de Porto Alegre, para cálculo da validade da escala. Analisados os dados, os autores concluíram pela adequação da versão brasileira da escala.

Sendo autoconceito uma variável de singular importância em psicologia, pareceu-nos útil expandir o trabalho de Crano, Crano e Biaggio (1983) utilizando outra amostra, maior e de outro Estado da Federação, a fim de confirmar sua adequação, em termos psicométricos, à realidade brasileira. Ademais, pareceu-nos oportuno também apresentar padrões normativos para a referida escala, uma vez que suas qualidades psicométricas encontradas no estudo inicial fossem confirmadas, após o teste com outra amostra.

Como bem assinalaram Crano, Crano e Biaggio (1983), embora existam várias definições de autoconceito, "a maior parte dos teóricos concorda que (1) o autoconceito consiste de um conjunto de atitudes e crenças inter-relacionadas que um indivíduo tem a respeito de si próprio, (2) estas crenças são um produto de interação social, (3) elas estão organizadas hierárquica e sistematicamente, de forma que (4) os componentes mais centrais da estrutura são mais resistentes à mudança, mas (5) dada a natureza dinâmica do sistema, mudanças em um aspecto podem levar a mudanças em outros aspectos" (p. 33/34). Os mesmos autores referem-se, ainda, à copiosa utilização da variável autoconceito em estudos sobre o comportamento social (por ex. Allport, 1966; Epstein, 1973; Labene e Greene, 1969) e em estudos relacionados ao processo educativo (por ex. Brookover, Erickson e Joiner, 1967; Campbell, 1967; Gill, 1969; Gowan, 1960).

Em psicologia social, a noção de autoconceito continua a ter importância fundamental. Uma das mais relevantes contribuições ao desenvolvimento da teoria da dissonância cognitiva de Festinger (1957), foi a inclusão do papel desempenhado pela situação dissonante no autoconceito da pessoa (Aronson, 1969; 1980). De fato, uma interessante controvérsia teórica suscitada por Greenwald e Ronis (1978) e enriquecida pelos dados empíricos obtidos em três estudos conduzidos por Steele e Liu (1981; 1983), é a relativa ao fator desencadeante do processo de redução de dissonância. Seria ele, exclusivamente, a busca de coerência entre cognições, tal como propõe a teoria original de Festinger, ou, como sugerem os últimos autores citados, uma forma de defesa do eu e conseqüente proteção de um autoconceito ameaçado? Steele e Liu (1981; 1983) mostraram que, em situações de aquiescência forçada, a mudança de atitude na direção contra-attitudinal apenas se verifica em condições onde os sujeitos não têm reforçado seu autoconceito; quando isto ocorre, por manipulação experimental, eles não sentem necessidade de tornar suas atitudes coerentes com a indução contra-attitudinal. Recentemente, Rodrigues (1985) conduziu um estudo no Brasil utilizando outro paradigma dentre os comumente usados em pesquisas sobre dissonância cognitiva: o da decisão livre entre duas alternativas. Os resultados mostraram que, de fato, quando o autoconceito dos sujeitos é reforçado experimentalmente, o afastamento entre a atratividade do objeto escolhido e a do que foi rejeitado não difere significativamente antes e depois da decisão. Isto ocorre, todavia, na situação experimental em que os sujeitos decidiam, porém não recebiam reforço em seu autoconceito.

A importância da variável autoconceito para a psicologia social motivou a equipe do Programa de Psicologia Social do CBPP do ISOP/FGV a utilizar a escala de Janis e Field revisada por Eagly e traduzida e testada no Brasil por Crano, Crano e Biaggio (1983), numa de suas pesquisas psicossociais. O presente trabalho

apresenta as características psicométricas da escala tal como obtidas com uma amostra de 658 residentes na cidade do Rio de Janeiro, bem como os padrões, em termos de escores T. de McCall, para conversão dos escores brutos.

MÉTODO

Sujeitos

658 sujeitos, sendo 36% do sexo masculino e 64% do sexo feminino integraram a amostra. A amplitude de idade foi de 16 a 67 anos, sendo a média igual a 24 anos e 3 meses. Todos os sujeitos eram estudantes universitários, cursando faculdades ou universidades particulares ou públicas da cidade do Rio de Janeiro.

Procedimento

Pequenas alterações da redação de alguns itens (ver Apêndice I) foram feitas na versão em português proposta por Crano, Crano e Biaggio (1983). Estas modificações não alteraram o conteúdo de nenhum item, apenas influenciando levemente em sua forma.

A escala foi aplicada coletivamente, em sala de aula, juntamente com um pequeno questionário relativo à justiça distributiva e mais duas outras escalas de personalidade: a de Locus de Controle de Rotter (1966) e a de Radicalismo-Conservadorismo de Comrey e Newmeyer (1965).

RESULTADOS²

A média obtida para os sujeitos de sexo masculino foi igual a 70,10 e, para os do sexo feminino, 70,48. A diferença entre estas médias não foi estatisticamente significativa ($t = -0,51$, $p = n.s.$); conseqüentemente, os dados que se seguem referem-se a ambos os sexos em conjunto.

A tabela 1 mostra os dados psicométricos encontrados em nossa amostra e, para fins de comparação com o trabalho anterior de Crano, Crano e Biaggio (1983), os dados obtidos por estes pesquisadores em suas duas amostras.

TABELA 1

Dados psicométricos relativos à escala de autoconceito para as amostras deste estudo (Rio de Janeiro) e do estudo original (R.G. do Sul).

Itens da Escala	Correlação Item-Total da Escala		
	Rio de Janeiro	R.G. do Sul	Porto Alegre
1	0,49	0,54	0,47
2	0,38	0,48	0,37
3	0,43	0,41	0,44

(2) Registrem-se os agradecimentos do autor e de sua equipe ao **Laboratório de Computação Científica** (LCC) do CNPq, onde foram feitas as análises dos dados por computador eletrônico.

Itens da Escala	Correlação Item-Total da Escala		
	Rio de Janeiro	R.G. do Sul	Porto Alegre
4	0,30	0,51	0,43
5	0,20	0,12	0,21
6	0,44	0,47	0,43
7	0,43	0,56	0,43
8	0,22	0,38	0,34
9	0,51	0,45	0,39
10	0,26	0,38	0,26
11	0,49	0,61	0,53
12	0,38	0,43	0,27
13	0,40	0,55	0,47
14	0,44	0,59	0,56
15	0,04	0,03	0,15
16	0,40	0,43	0,49
17	0,18	0,36	0,25
18	0,43	0,55	0,58
19	0,39	0,38	0,50
20	0,52	0,61	0,52
N	658	276	192
Média	70,34	67,20	71,30
Desvio-Padrão	9,14	11,15	9,01
Assimetria	-0,34	0,69	-0,51
Curtose	0,19	0,52	0,75
Coefficiente Alpha	0,80	0,86	0,83

Para cada item obtivemos também a distribuição de escolhas para cada alternativa de resposta.³

A forma escolhida para expressar os resultados da escala para efeitos de padronização foi a de escores T. de McCall. A nosso ver, escores padronizados T, embora um pouco mais complexos para o público em geral que os escores percentilares, têm sobre estes a grande vantagem de se apresentar em escala intervalar e não meramente ordinal. Se, para fins de diagnóstico, esta diferença de nível escalar não é relevante, para fins de pesquisa ela é bastante significativa, de vez que permite a utilização de estatísticas paramétricas. A Tabela 2 mostra a correspondência entre escores padronizados T e os escores brutos obtidos na mostra.

(3) As pessoas interessadas podem obter estas distribuições escrevendo diretamente ao autor.

TABELA 2

Escores padronizados T de McCall para os escores
brutos da escala de autoconceito

	Escores T	Escores Brutos
+3 σ	80	97
	79	-
	78	96
	77	95
	76	94
	75	93
	74	92
	73	-
	72	91
	71	90
+ 2 σ	70	89
	69	88
	68	87
	67	86
	66	85
	65	84
	64	83
	63	82
	62	81
	61	80
+ 1 σ	60	-
	59	79
	58	78
	57	77
	56	76
	55	75
	54	74
	53	73
	52	72
	51	71
\bar{X}	50	70
	49	69
	48	-
	47	68
	46	67
	45	66
	44	65
	43	64
	42	63

	Escores T	Escores Brutos
	41	62
	40	61
-1σ	39	60
	38	59
	37	—
	36	58
	35	57
	34	56
	33	55
	32	54
	31	53
	30	52
-2σ	29	51
	28	50
	27	49
	26	—
	25	48
	24	47
	23	46
	22	45
	21	44
-3σ	20	43

DISCUSSÃO

Como se vê na Tabela 1, os dados das amostras do estudo original e os relativos à amostra do presente estudo são bastante semelhantes, confirmando o valor psicométrico da versão brasileira. Os itens 5 e 15 continuam com correlações baixas e a distribuição de escolhas para cada alternativa de resposta mostrou que eles, de fato pouco ou nada discriminam. Na amostra do Rio de Janeiro dois outros itens apresentaram também baixa correlação item/total de escores na escala: os de número 8 e 17. Como, todavia, a exclusão destes quatro itens de correlações baixas aumentaria o coeficiente alpha em apenas 2 pontos, optamos, tal como o fizeram Crano, Crano e Biaggio (1983), por mantê-los na escala. Os demais itens, as estatísticas obtidas e o coeficiente Alpha são satisfatórios. Não foi verificada, no presente estudo, a validade externa da escala. Entretanto como os bons índices psicométricos do estudo original foram reproduzidos na presente pesquisa, julgou-se razoável inferir que a validade externa verificada no estudo inicial pode servir de evidência suficiente para justificar a utilização da escala no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W. (1966). *Pattern and Growth in Personality*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- ARONSON, E. (1969). The Theory of cognitive dissonance: A current perspective. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology*(vol. 4), New York: Academic Press.
- ARONSON, E. (1980). Persuasion via self-justification: large commitments for small rewards. In L. Festinger (Ed.), *Retrospections on Social Psychology*. New York: Oxford University Press.
- BROOKOVER, W. B., ERICKSON, E. L & JOINER, L. M. (1967). Self-concep of liability and school achievement; III: relationship of self-concept to achievement in high school. East Lansing, *Office of Research and Publications*. Michigan State University, U.S.O.E. Project n? 2831.
- CAMPBELL, P. B. (1967). School and Self-concept. *Educational Leadership*, 24, 510-515.
- CRANO, S., CRANO, W. & BIAGGIO, A.M. (1983). Desenvolvimento de uma medida de autoconceito em pprtuguês. *Educação e Realidade*, 8 33-44.
- COMREY, A. L & NEWMYER, J. (1965). Measurement of radicalism-conservatism. *Journal of Social Psychology*, 67, 357-369.
- EAGLY, A. H. (1967). Involvement as a determinant of response to favorable and unfavorable information. *Journal of Personality and Social Psychology*, 7, 1-15.
- EPSTEIN, S. (1973). The self-concept revisited: or a theory of a theory. *American Psychologist*. 28, 404-16.
- FESTINGER, L. (1957). *Theory of cognitive dissonance*. N. York: Harper & Row.
- GILL, M. P. (1969). Pattern of achievement as related to the perceived self. Trabalho apresentado no *Annual Meeting of the American Educational Association Convention*, Los Angeles.
- GOWAN, J. C (1960) Factors of achievement in high-school and college. *Journal of Counseling Psychology*, 7, 91 -95.
- GREENWALD, A. G. & RONIS, D. L. (1978). Twenty years of cognitive dissonance: Case study of the evolution of a theory. *Psychological Review*, 85, 53-59.
- JANIS, I. L & FIELD, P.B. (1959). The Janis-Field Feeling of Inadequacy Scale. In: JANIS, I. L & HOVLAND, C F. (Eds.) *Personality and Persuasibility*. New Haven: Yale University Press.

- LABENE, W. B. & GREENE, B. I. (1969). *Educational Implications of Self-Concept Theory*. California: Goodyear.
- RODRIGUES, A. (1985). Reducing dissonance after a decision with and without ego enhancement. Trabalho apresentado na 93rd. *Annual Convention of the American Psychological Association*. Los Angeles.
- ROTTER, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, n? 80.
- STEELE, C M. & LIU, T. J. (1981). Making the dissonant act unreflective of self: Dissonance avoidance and expectancy of a value-affirming response. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 7, 393-403.
- STEELE, C M. & LIU, T.J. (1 983). Dissonance processes as self-affirmation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 5-19.

Apêndice I

A ESCALA DE AUTOCONCEITO

- 01 — Quantas vezes você tem a sensação de que não pode fazer nada direito?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) Às vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 02 — Quantas vezes você se sentiu bem-sucedido(a) em uma reunião social?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) Às vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 03 — Quando você tem de falar diante de uma aula ou diante de um grupo de pessoas de sua mesma idade, em geral, o quanto fica preocupado (a)?
(1) Muitíssimo (2) Muito (3) Mais ou Menos (4) Um pouco (5) Muito pouco
- 04 — Quantas vezes você tem a sensação de que pode fazer bem uma coisa qualquer?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) Às vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 05 — O quanto você se preocupa com o fato de as pessoas gostarem de estar com você?
(1) Muitíssimo (2) Muito (3) Mais ou Menos (4) Um pouco (5) Muito pouco
- 06 — Quão freqüentemente você se sente uma pessoa de sucesso?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) Às vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 07 — Quão freqüentemente você se sente encabulado (a)?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) Às vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 08 — Quando você fala diante de uma aula ou diante de um grupo de pessoas de sua mesma idade, quão satisfeito (a) fica com a sua apresentação?
(1) Muitíssimo (2) Muito (3) Mais ou Menos (4) Um pouco (5) Muito pouco
- 09 — Quantas vezes você se incomoda por causa de sua própria timidez?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) Às vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 10 — Como você se sente quando começa a falar com um desconhecido?
(1) Muito bem (2) Bem (3) Mais ou Menos (4) Mal (5) Muito Mal
- 11 — Quantas vezes você se sente inferior à maioria das pessoas que conhece?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) Às vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 12 — Que confiança você tem de que vai ter sucesso na sua futura carreira?
(1) Muitíssimo (2) Muito (3) Mais ou Menos (4) Um pouco (5) Muito pouco
- 166 Psicol., Teori. Pesqui., Brasília V.1 N.2 p. 158-167 Mai.-Ago. 1985

- 13 — Você alguma vez pensou que não valia nada?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) As vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 14 — Quando está em uma discussão em aula, que confiança você tem em si mesmo?
(1) Muitíssimo (2) Muito (3) Mais ou Menos (4) Um pouco (5) Muito pouco
- 15 — O quanto você se preocupa em dar-se bem com as outras pessoas?
(1) Muitíssimo (2) Muito (3) Mais ou Menos (4) Um pouco (5) Muito pouco
- 16 — Quão confiante você sente em si mesmo(a) quando está entre desconhecido(s)?
(1) Muitíssimo (2) Muito (3) Mais ou Menos (4) Um pouco (5) Muito pouco
- 17 — Que confiança você tem em você mesmo (a) de que algum dia, as pessoas que o (a) conhecem irão admirá-lo (a) e respeitá-lo (a)?
(1) Muitíssimo (2) Muito (3) Mais ou Menos (4) Um pouco (5) Muito pouco
- 18 — Quantas vezes você sente que não gosta de si mesmo (a)?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) As vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 19 — Você alguma vez se sentiu tão desiludido (a) consigo mesmo (a) que se perguntou se existe alguma coisa na vida que valha a pena?
(1) Muitas vezes (2) Com freqüência (3) As vezes (4) Raramente (5) Quase nunca
- 20 — Em geral, quanto você confia em suas próprias capacidades?
(1) Muitíssimo (2) Muito (3) Mais ou Menos (4) Um pouco (5) Muito pouco.

Artigo recebido em março de 1985.